



Noctúcardia

KERI LAKE

MORTUI VIVOS DOCENT. OS MORTOS ENSINAM OS VIVOS.

GLOSSÁRIO

(O asterisco indica elementos fictícios do livro.)

- ***Ácido estírico:** antisséptico descoberto pelo Dr. Nathaniel Stirling, feito da planta jesteiro, que foi usado em experimentos horrendos em pacientes.
- ***Casteyon:** elemento encontrado nas cavernas de pedra negra da ilha Dracadia.
- ***Jesteiro:** planta nativa de Dracadia que é considerada venenosa em doses altas.
- ***Mariposa-sominyx:** espécie de mariposa noturna encontrada apenas na ilha Dracadia e hospedeira natural do *Noctisoma*.
- ***Nocticadia:** nome dado ao laboratório noturno que estuda especificamente o *Noctisoma*.
- ***Noctisoma:** vermes compridos e pretos que se hospedam em insetos, mas infectam outras espécies. Seu hospedeiro natural é a mariposa-sominyx.
- Tapetum lucidum:** um sistema refletor biológico sensível à luz presente em vertebrados (em geral não se encontra no olho humano, mas é descrito aqui como um sintoma da infecção por *Noctisoma*).
- ***Vonyxis:** escurecimento das veias, que aparecem como linhas pretas em mariposas e humanos infectados por *Noctisoma*.
- ***Zigliomiosite/Doença de Voneric:** uma rara doença neuromuscular congênita cujo nome homenageia um pintor famoso diagnosticado com ela.

Prólogo

Ilha Dracádia

12 de outubro de 1753

Lorde Adderly já tinha visto muitas mortes ao longo da vida. Durante o tempo em que foi comodoro da Marinha Real, o cheiro sufocante embargara o fundo de sua garganta mais vezes do que era capaz de se lembrar. Ele tinha sentido seu bafo frio e vaporoso na pele com um desejo que teria causado calafrios à maioria dos homens.

Lorde Adderly não tinha medo da morte. Inclusive já havia sido acusado algumas vezes de desejá-la.

Entretanto, enquanto ele olhava para o trecho turbulento de mar glacial na direção da fumaça preta ameaçadora que subia da névoa ao redor, um tremor de medo desceu por seu pescoço. A ordem para que seus homens remassem de volta para o local de partida pesava na língua dele quando, ao longe, a silhueta escura da ilha surgiu no meio da bruma: uma formação rochosa em arco que ocupava o horizonte como um dragão adormecido.

Na metade do caminho entre a costa de Massachusetts e Acádia, de colonização francesa, a pequena ilha Dracádia era uma antiga fonte de discórdia – um trecho de terra que, diziam, já havia pertencido aos britânicos. Quando a maioria dos acadianos abandonou misteriosamente a ilha, ela foi anexada como província de Massachusetts. Lorde Adderly tinha sido o

líder do ataque, pronto para uma batalha, caso os franceses voltassem para tentar retomar o vilarejo de Emberwick na extremidade norte.

Isso nunca tinha acontecido.

Os britânicos que haviam se assentado lá acabaram sofrendo uma série de infortúnios e fugiram da ilha, deixando Dracadia às traças de novo.

Claro que boatos se espalharam. Alguns culpavam a comunidade indígena Cu'unotchke, que tinha se isolado nas montanhas do sul, por ter despertado seus deuses pagãos. Fosse qual fosse a causa, especulações a respeito de espíritos malignos e doenças inexplicáveis afugentava a maioria dos possíveis compradores de terras em Dracadia. Como resultado, a ilha só abrigava os hereges que tinham sido exilados lá. Os piores transgressores das doutrinas sagradas.

Lorde Adderly não desviou o olhar do caminho à frente quando a maré baixou e a margem surgiu no meio da névoa. Na paisagem devastada, pássaros pretos se amontoavam. Um bando de corvos, cuja presença havia muito evocava o mal. Lorde Adderly vira aquelas aves seguirem homens para a guerra com a promessa de carnificina. Os pássaros voando em círculos só podiam ser mau presságio.

Sinal de morte.

– Deus do céu – disse o tenente Christ, ao lado do comodoro. – São os selvagens, meu senhor?

– Não.

Embora tivesse respondido com segurança, a verdade era que o comodoro não sabia. Tinha lutado contra todo tipo de selvagens e, apesar de batalharem com fervor fora do comum, eles não eram inerentemente maus.

– Os boatos falam em pedras pretas afiadas como dentes e olhos que parecem os de lobos na escuridão – prosseguiu Christ.

– Talvez você dê igual mérito a histórias de monstros marinhos e sereias.

– Claro que não, meu senhor, mas os homens que dizem essas coisas não são loucos. São bons homens cristãos.

O comodoro não tinha dúvida da integridade deles, mas contar a verdade por trás daquela viagem despertaria pânico.

Talvez até um motim.

Pois o tenente Christ não sabia que a Igreja os tinha convocado para ir até ali depois que vários clérigos falharam em retornar com três supostas

bruxas. Sob o cuidado do Dr. Nathaniel Stirling, as três mulheres seriam julgadas em Massachusetts. Havia suspeitas de que o bom doutor tinha enlouquecido, possuído pelos mesmos demônios que ele deveria ter expulsado das mulheres através de sangrias, meses antes. O comodoro ouvira histórias horríveis de pacientes com veias pretas que tinham ficado pendurados pelos pés, sangrando. E de outros cujos olhos e bocas tinham sido costurados e as línguas, removidas. O comodoro e seus homens haviam sido enviados para investigar essas alegações e, considerando os alertas sinistros ao longe, ele temia o que encontrariam lá.

Mais perto, o barco atravessou ondas implacáveis e, quando as sombras sumiram e revelaram restos queimados de árvores, lorde Adderly inspirou fundo, sendo invadido pelo cheiro gorduroso de carne queimada. O cheiro familiar de morte.

Seis de seus homens pularam do barco e arrastaram a pequena embarcação até a margem. Lorde Adderly botou os pés no solo profano ao qual tinha jurado nunca mais voltar. Passou o olhar por aquela destruição inacreditável e se perguntou o que, em nome de Deus, teria conseguido fazer aquilo.

Uma ilha inteira queimada até virar cinzas.

A névoa em volta deles se adensou e, quando se assentou entre eles e a floresta queimada, lorde Adderly franziu a testa.

O tenente Christ se aproximou.

– Perdão pelo que vou dizer, meu senhor, mas não estou com a menor inclinação a me aventurar além da margem.

– Mantenha a boca fechada – disse lorde Adderly, baixo. – Ou vai acabar incitando um motim.

– Meu senhor! – gritou um de seus homens, e o comodoro se virou e o viu apontando na direção das árvores.

Lorde Adderly seguiu o caminho indicado até avistar sombras na névoa. Uma figura se deslocava na direção deles. O ruído alto dos homens preparando as armas ecoou ao redor, mas, quando o vapor branco se abriu com a passagem de um garoto de uns 12 anos de idade, lorde Adderly deu um passo à frente.

– Abaixem as armas.

Usando o traje de um jovem acólito, o garoto cambaleou na direção deles, a pele coberta de fuligem preta e a veste manchada com o que era, sem

sombra de dúvida, sangue. Antes de chegar ao comodoro e seus homens, o acólito caiu na areia.

Quando lorde Adderly se abaixou ao lado do garoto, apoiando um joelho no chão, Christ fez o mesmo. Viam-se pequenas feridas ensanguentadas que pareciam ter sido causadas por algo afiado.

– Cuidado, meu senhor. Não temos ideia do que aconteceu, se ele foi exposto a algo desconhecido.

Cortes, hematomas e áreas em carne viva, onde a pele tinha sido arrancada, marcavam os sinais de abuso indescritível. O comodoro pensou no próprio filho e lutou contra as lágrimas ao compreender a condição do acólito.

– O que aconteceu aqui?

– Trevas... – sussurrou o garoto, com respiração irregular. – O céu... ficou escuro. Todos queimaram.

Lorde Adderly tirou o cabelo grudento e sujo de sangue do rosto do garoto.

– Quem fez isso?

Ele detectou medo nos olhos escurecidos de exaustão do garoto.

– Ficaram comandando as chamas. E as chamas obedeciam.

– Quem comandava as chamas? Bruxas?

Uma piscadela lenta e o garoto suspirou. Quando inspirou, seu peito congestionado chocou, como moedas dentro de uma xícara de latão.

– Não eram bruxas. Eram vermes. Vermes pretos que saíram das bocas da loucura.

Um silêncio se espalhou entre os homens. As palavras do garoto arripiaram os pelos da nuca do comodoro. Christ chegou mais perto e se inclinou para sussurrar:

– O garoto não parece bem, meu senhor. Ele está falando do mal.

O comodoro ignorou seu tenente e pousou a mão no ombro magricelo do garoto.

– Você foi o único sobrevivente?

– Todos queimaram.

O comodoro ergueu o olhar para o tenente Christ e manteve a voz firme, apesar do nervosismo:

– Vamos pegar o garoto e voltar para o navio. Agora.

– Vocês não podem ir embora. – Uma tosse úmida e rouca fez um filete de sangue escorrer pela boca do acólito. – Eles não vão permitir.

O comodoro franziu a testa e se levantou. Ordenou que dois de seus homens carregassem o garoto até o navio.

– Meu senhor! – exclamou o timoneiro, com um toque de pânico, e o comodoro se virou e o viu cambaleando pela areia na direção deles. – O barco! O barco sumiu! Sumiu!

– Não tema, meu senhor. – Em meio ao burburinho de pânico, conforme os outros homens se davam conta do desaparecimento bizarro, a voz fraca e quase fantasmagórica do garoto chegou aos ouvidos do comodoro. – Seu barco nunca esteve lá.

– Eu não entendo o que você diz, garoto.

– Você e seus homens... chegaram com os padres... dias atrás. – Arfadas pesadas preenchiam cada pausa conforme o garoto lutava para respirar.

– Você está doente e delirante. Fui chamado aqui a serviço da própria Igreja.

Ele estreitou os olhos ao encarar o garoto, cujos lábios secos e rachados se esticaram num sorriso leve.

– Você está sonhando agora, mas logo vai acordar com o som de fogo crepitando e ver que você e seus homens estão amarrados a estacas. Sua carne será queimada. E sua dor e sua desgraça vão ecoar por toda a eternidade.

O garoto fechou os olhos, e o ar saiu em um sibilo antes de seu corpo ficar inerte nos braços do oficial.

Um arrepio de horror se espalhou pela barriga de lorde Adderly, o cheiro de gordura e pele queimadas embargando sua garganta de novo. Ele fechou os olhos, encontrando consolo no breu, e quando os primeiros sons de agonia ecoaram, ele não ousou abri-los.

Capítulo 1

LILIA

Quatro anos antes

Por Deus, aquele fedor.

O apesuntado chiava na frigideira, já quase queimando, quando levei o braço até o nariz. A carne gordurosa crepitava alto o suficiente para se fazer ouvir por cima da súplica sincera de Jean Valjean para Javert, na peça *Les Misérables* que estava sendo encenada no teatro abaixo do nosso apartamento. Eu tinha queimado sem querer as fatias mais finas enquanto descascava as batatas, e àquela altura não dava para fazer mais nada.

Não herdei os talentos culinários da minha mãe.

Eu odiava cozinhar porcaria enlatada, mas estranhamente minha mãe vinha desejando carne nos últimos tempos, e os bifes finos e redondos que ela gostava de comer malpassados tinham acabado. Eu ficava me perguntando se aqueles pedidos esquisitos eram o corpo dela tentando melhorar.

Era o que eu esperava, pelo menos.

Quando ela devorava carne malpassada com o sangue escorrendo pelos cantos da boca eu me sentia uma espectadora de um episódio nojento de *Hostile Planet*; era uma imagem que acabava com qualquer apetite. Principalmente porque minha mãe nunca tinha sido de comer carne. Apesuntado era bem diferente de bife, mas Conner, meu padrasto – se é que eu podia chamá-lo assim –, não fazia bicos havia uns dias, e isso nos deixara com pouco dinheiro para compras.

– Bee! – chamei minha meia-irmã mais nova, Beatrix, pelo apelido e coloquei o apresentado torrado nos pratos. – Você olhou a mamãe, como eu pedi?

– Ai, merda!

Ouvi o som de passos depois do palavrão e, com um sorrisinho, balancei a cabeça. Aos 12 anos, quatro a menos do que eu, ela tinha bem mais responsabilidades do que a maioria das meninas de sua idade.

Nós duas tínhamos.

A doença da nossa mãe tinha se agravado muito, e lidar com os sintomas estranhos era mais difícil ainda porque mamãe se recusava a ir ao médico. Embora ela ainda parecesse estar lúcida, havia momentos apavorantes. Como nas noites em que ela dizia que homens maus estavam vindo me pegar. As noites em que ficava coberta de suor, os olhos brilhando diante de horrores invisíveis.

Monstros, era como ela chamava esses carrascos que não existiam, mas, na mente dela, eram tão reais quanto as manchas escuras e profundas sob seus olhos. Por mais horrível que fosse dizer isso, com a coluna retorcida, os olhos prateados e brilhantes e os ossos despontando, ela tinha começado a se parecer com os monstros dos quais falava.

Eu nunca tinha sido muito de rezar, mas nas últimas semanas havia feito muitas súplicas de joelhos e, se Deus existia, não estava oferecendo muita esperança.

Enquanto servia a última colherada de purê de batata para Bee, fui interrompida por uma batida na porta. Franzi a testa, apoiei silenciosamente a panela no fogão e sequei as mãos em um pano de prato. Com cautela, fui ao corredor e espiei a porta de entrada. Outra batida me deixou tensa, e a audácia da pessoa por trás daquela barulheira irritante fez meu sangue esquentar. Fui na direção da porta e, pelo olho mágico, vi um homem que não reconheci.

Olhos fundos e brilhantes, uma cicatriz sobre o olho esquerdo e um nariz estranhamente torto, como se tivesse sido atingido em muitas brigas, o deixavam com cara de criminoso.

Uma coisa que eu tinha aprendido morando em uma cidade como Covington foi que não se abria a porta para estranhos. Ainda mais quando eles pareciam criminosos.

O homem bateu na porta de novo e rangi os dentes de irritação.

– Oi? – gritei pela barreira entre nós. – Com quem quer falar?

Ele não respondeu de primeira, e eu o vi olhar na direção do corredor. Algo nele, naqueles olhos escuros e no seu sorrisinho, me deu calafrios.

Que homem sinistro.

Olhei para o ferrolho da porta para ver se estava preso. Infelizmente, o apartamento não tinha uma fechadura muito resistente.

– Sou amigo do Conner – disse ele. – Ele está?

– Não.

– Sabe a que horas ele volta?

Estava difícil avaliar o rosto dele, porque o sujeito simplesmente não olhava para a frente.

– Olha, eu não...

Ao ouvir um grito agudo, fiquei toda tensa e me volvei para os aposentos dos fundos. Larguei o sujeito esquisito na porta e corri pelo apartamento na direção da faixa de luz sob a porta do banheiro.

Luz... o primeiro sinal de que havia algo errado. Minha mãe tinha passado a odiar luz. Dizia que machucava seus olhos.

– Mãe! Não!

Uma onda de medo desceu pela minha nuca quando compreendi que Bee estava lá dentro gritando com a minha mãe, e entrei às pressas no banheiro iluminado.

Minha mãe estava ao lado da banheira, rosnando de um jeito estranhíssimo enquanto água caía no chão. Dois pés em meias cor-de-rosa se contorciam na beirada da banheira.

Ai, meu Deus.

Bee!

Senti choques gelados de adrenalina enquanto eu corria até elas e empurrava minha mãe na direção da parede.

Assim que foi libertada, Bee saiu da água, a parte superior do corpo encharcada, e tossiu alto.

– O que você está fazendo?! – gritei com a minha mãe, cujos olhos emanavam um brilho iridescente na luz.

Com um berro, minha mãe avançou de novo, esbarrando em mim, e jogou Bee de volta na água.

O pânico tomou os meus músculos e meu corpo passou a agir por conta própria, por instinto. Segurei a minha mãe pelo cabelo e a tirei de cima de Bee. Uma mecha de cachos ruivos sem vida ficou na minha mão quando ela se soltou de mim e caiu de costas contra a privada. O chão escorregadio impediu que ela se levantasse, e eu puxei Bee da banheira e fui deslizando pelos ladrilhos molhados enquanto a empurrava na direção da porta.

Quando chegamos ao corredor, fechei a porta do banheiro e segurei a maçaneta para mantê-la assim.

– Vai pro seu quarto! Tranca a porta e *não* sai até eu mandar! – ordenei.

– Eu estava... – Ela tossiu e fungou. – Eu estava... Eu só estava tentando impedir que... ela bebesse a água, e ela... me atacou!

A porta balançou e meu braço tremeu enquanto minha mãe lutava para abri-la do outro lado.

– Ela é um deles! Ela é um deles! – gritou minha mãe. – Não deixa ela escapar! Ela vai contar que estou aqui!

– Vai! Agora! Tranca a porta! Não abre, não importa o que você ouvir!

Apoiei os pés na parede e me inclinei para trás para puxar a maçaneta e manter a porta fechada enquanto Bee ia para o quarto dela.

Depois de um minuto, as batidas pararam. Minha mãe parou de gritar.

Recuperando o fôlego, relaxei os músculos e me empertiguei quando ela parou de resistir.

– Mãe? – chamei baixo pela porta, torcendo para que ela desse uma resposta coerente. Uma explicação para o que tinha acabado de acontecer.

Ela já tinha falado que estava sendo perseguida antes, mas nunca projetara esses pensamentos paranoicos em mim ou em Bee.

Nada.

Eu tinha a impressão de que o cheiro sufocante que acompanhava minha mãe estava mais forte. Denso e úmido, parecia tomar conta de mim, e levei as costas da mão até o nariz em um esforço inútil de afastar o odor.

Nos últimos meses, o aroma floral da minha mãe, um cheiro reconfortante que eu conhecia desde sempre, tinha sumido sob o peso daquele fedor horrível.

Agora, era a única coisa que eu sentia.

Ignorei a ânsia de vômito, girei a maçaneta e entrei no banheiro.

Minha mãe estava caída na beirada da banheira, o rosto mergulhado na água.

– Mãe!

Corri até ela e ela se virou, espalhando água e gritando de novo.

Tentei pegar seu braço, mas ela atacou primeiro e me deu um tapa no rosto. A dor percorreu meus ossos em uma explosão de estrelas flutuantes que turvou minha visão.

Abstrái a tontura quando ela avançou outra vez, e me abaixei. Dessa vez, ela não conseguiu me acertar, e suas mãos balançaram num acesso de raiva. Segurei os braços dela num abraço apertado e afundei as unhas em seus ossos frágeis, mas senti uma dor aguda na mão, no local em que ela cravou os dentes.

– Ai! Merda!

Eu a empurrei para longe e ela escorregou, os braços se debatendo enquanto caía de costas na banheira. Quando tentei puxá-la, minha mãe esticou a mão, agarrou a minha camiseta e me puxou para a água.

Senti uma onda de fluidos subir pelo meu rosto, uma ardência, conforme ela me segurava de modo implacável debaixo d'água. O pânico cristalizou meus músculos. A água espirrava sob os chutes frenéticos dela e a pegada em meu pescoço.

Estendi a mão para a única coisa que consegui alcançar na confusão. Com a mão no pescoço dela, apertei o bastante para fazê-la me soltar, e continuei apertando enquanto tirava o rosto da água e respirava, ofegante.

Ela me empurrou para baixo de novo e mergulhou meu rosto na água junto com o dela.

Apertei seu pescoço com ainda mais força e, novamente, ela afrouxou o aperto.

Cada inspiração fazia minha garganta arder e causava um ataque de tosse.

Frenética, ela arranhou minha nuca enquanto tentava me afogar de novo.

– Mãe! Por favor!

Quase sem fôlego, eu mal consegui emitir as palavras enquanto sentia o peito todo comprimido. Minhas pernas escorregaram pelos ladrilhos enquanto eu lutava com os braços dela para que não me puxassem para baixo.

Submersa na água, minha mãe abriu a boca, os olhos arregalados em choque.

Como se sua energia tivesse acabado, ela parou de lutar, e uma resolução horrível tomou seu rosto, me causando um arrepio na nuca.

Eu me afastei e fiquei de pé ao lado da banheira, sem segurá-la, mas ela não emergiu.

Com certeza, àquela altura ela não tinha mais ar nos pulmões. Devia precisar de oxigênio.

Anda! Levanta!

Segurei o braço dela para puxá-la, mas parei quando uma criatura longa, fina e fibrosa deslizou por entre os lábios dela e saiu para a água.

Três outras saíram logo depois, duas do nariz.

Soltei um grito, e fiquei congelada de pavor. Vi os vermes serpentearem pelo chão de porcelana da banheira e seguirem pela água até chegar ao ralo. Pelo menos mais uns vinte se libertaram, abrindo caminho pela boca e as narinas dela. E depois ainda vieram mais. Todos foram na direção do ralo fechado.

No desespero, minha respiração ficou muito acelerada enquanto eu olhava aquela cena horrível.

Até a escuridão me dominar.

Capítulo 2

LILIA

Dias atuais

- **L**ilia? – Uma voz cortou o vazio.
Eu pisquei, abri os olhos e me vi curvada sobre o ralo de uma pia amarelada.

– Terra chamando Lilia – repetiu aquela voz conhecida.

Confusa, eu me virei e encontrei minha colega de trabalho, Jayda, parada ao meu lado, então me afastei da pia. Eu me lembrava de estar esfregando a pia, tomada por uma névoa de confusão, quando senti um odor estranho e familiar, de podridão e sujeira. O odor foi tão forte que eu tinha mergulhado em recordações de novo.

Um sorriso envergonhado repuxou meus lábios e eu pigarreei.

– Desculpe, acho que eu estava em outro planeta.

Acontecia, às vezes. Algo disparava pensamentos, que me faziam mergulhar na pior lembrança da minha vida. Ela me envolvia tão completamente que eu perdia a realidade de vista.

Quatro anos tinham se passado desde a morte da minha mãe, mas eu me lembrava de cada detalhe. Dos cheiros. Dos sons. Do frio.

– Eu só estava dizendo que vou passar para a sala ao lado. – Com o antebraço sobre o nariz, Jayda tossiu. – Não sei o que a última pessoa que veio aqui comeu, mas, pelo cheiro, não deve ter sido algo saudável. Então vou deixar essas latrinas todas para você – disse ela, com uma risadinha.

Ainda aérea, peguei o pano que tinha deixado cair no chão e o joguei no balde com água e sabão ao meu lado. Meu estômago revirou com a náusea de sempre e ocupei as mãos para tentar disfarçar o tremor nos braços; limpei-as no avental e puxei o balde até a pia seguinte.

– Você é uma fofa.

Com uma risada, ela foi na direção da porta, mas deu uma parada.

– Tem certeza de que está bem? Você está meio pálida.

– Tenho. Estou ótima. Só estava pensando em umas coisas.

– Em *muitas* coisas, pelo que pareceu. Mas sério, você não se importa se eu for para a sala? Pensei que podemos acabar cedo, se adiantarmos as coisas.

Com um meio-sorriso, eu dei de ombros.

– Pode ir.

Na verdade, eu odiava limpar os banheiros, os quartos dos pacientes, os escritórios, mas desconfiava que isso era o mais perto que eu ia chegar de trabalhar em um hospital de verdade. Meu sonho de fazer pesquisas médicas parecia morrer um pouco mais a cada dia, conforme meu corpo se cansava da vida. Na minha idade, eu deveria estar terminando o ciclo básico e decidindo se seguiria para a faculdade de medicina ou alguma outra, mas, com as poucas matérias que eu conseguia fazer na faculdade comunitária, nas folgas do trabalho, levaria uma década para chegar a esse ponto nos estudos.

– Obrigada, amiga. Começo de gravidez não combina com cheiro de esgoto.

Os banheiros do porão do hospital costumavam feder, mas o cheiro no ar naquele momento estava particularmente forte.

– Deixa comigo – falei, fazendo sinal para ela ir. – Vai lá. Não quero ter que limpar seu vômito também.

Rindo, ela saiu pela porta e, sozinha, soltei um suspiro longo e trêmulo. Com as mãos apoiadas dos dois lados da pia, fechei os olhos e tentei clarear a mente.

Gritos. Vermes pretos. Olhos vazios.

Balançando a cabeça, enterrei esses pensamentos nos recônditos da minha mente e me recusei a deixar que me consumissem. *Não. Hoje, não.*

Ouvi o gotejar baixo de água e abri os olhos para ver as cabines atrás de mim, refletidas no espelho.

Na última, vi uma coisa que eu não tinha notado ao entrar: pés com meias abaixo da porta.

Eu me virei e meu coração quase saiu pela boca. Havia mesmo pés embaixo daquela porta.

– Tem alguém aí? – perguntei, sabendo muito bem que havia.

Acima dos pés, vislumbrei a barra da camisola do hospital, que todos os pacientes usavam. Pacientes que não deveriam usar o banheiro do porão, designado para funcionários.

Um som baixo de água chegou aos meus ouvidos de novo. Considerando a posição dos pés, a pessoa provavelmente não estava indisposta naquele exato momento, mas podia ter vomitado antes.

– Está precisando de ajuda? Eu posso ir chamar alguém, se estiver...

Apontei com o dedo por cima do ombro, como se a pessoa pudesse me ver.

Não houve resposta.

Cheguei mais perto, na ponta dos pés.

– Você está passando mal?

Ainda não houve resposta.

Cheguei à porta da cabine e espiei pelas frestas. Cabelo ruivo, comprido e desgrenhado, caía por cima da camisola, aberta o suficiente para revelar costas pálidas com sardas e uma calcinha branca. Um tom arroxeadado irregular tingia os membros que eu conseguia ver, particularmente a perna e a mão.

Meu primeiro pensamento foi *livor mortis*, mas o afastei.

Minha garganta ardeu de tão seca, e tentei engolir a saliva.

Por favor, esteja bem.

Dei uma batidinha, reparei no leve movimento de destrancar da porta e torci para que a pessoa emitisse um protesto indignado à minha invasão de privacidade.

A pessoa não disse nada.

Abri a porta.

A cabeça da pessoa estava dentro do assento da privada, os fios de cabelo escondendo o rosto.

Estendi a mão, trêmula, segurei um ombro magro e puxei só o suficiente para mover a mulher para o lado. Ela caiu para trás, batendo com a cabeça

na parede da cabine, e, assim que o cabelo saiu da frente do rosto, cambaleei para trás.

Eu me vi diante daquele mesmo brilho leitoso nos olhos. Era a minha mãe.

Minha visão periférica captou um movimento e deixei o ar escapar quando olhei naquela direção e tive um vislumbre de uma coisa preta, comprida e escorregadia descendo pela privada.

Um medo gélido se apoderou dos meus músculos. Eu pisquei. Três vezes.

Voltei o olhar para a minha mãe. Outra silhueta preta deslizante passou por seus lábios roxos, desceu pela bochecha da cor de uma ameixa e seguiu até o chão ladrilhado. Serpenteou direto na minha direção.

Um grito escapou do meu peito quando pulei para trás e caí de bunda no chão.

O verme veio para cima de mim, veloz e determinado.

Só que, antes de me alcançar, caiu no ralo do piso que havia entre mim e o corpo sem vida da minha mãe.

O ruído da porta batendo me causou outro tremor e me virei quando Jayda entrou correndo no banheiro.

– Lilia? Você está bem? Eu te ouvi gritar.

Com o nariz ardendo de vontade de chorar, balancei a cabeça, sem conseguir formar palavras.

Jayda deu um passo cauteloso na minha direção e passou os olhos pelo local.

– O que houve?

– A gente tem que chamar alguém – falei, apontando na direção da cabine.

– Chamar alguém? – Parecendo confusa, ela se virou para onde eu apontei. – Lilia? Você está bem?

Voltei a olhar para a cabine e não vi nada lá. Nenhum sinal de ter havido alguém ali.

– Eu, hã... – Meu rosto ficou quente de vergonha diante daquele choque de realidade. – Eu...

Minha mente procurou um motivo, algo que afastasse a possibilidade de eu ter ficado louca. Jayda passou por cima das minhas pernas e abriu a porta da cabine seguinte, então deu um pulo para trás e um grito.

– Que merda é essa?!

Minha pulsação disparou.

Será que ela tinha visto também?

Jayda tapou o nariz com o braço, teve ânsia de vômito e recuou.

– Espera... Eu... eu vou chamar alguém. Só espera.

Com a testa franzida, eu me levantei do chão quando ela saiu do banheiro e olhei para a cabine ao lado daquela em que eu tinha visto a minha mãe. Uma bola de pelo escuro com uma cauda comprida pelada flutuava na água da privada. Um rato.

Isso explicava o cheiro, pelo menos.

Minha respiração estava acelerada quando me encostei na parede de frente para as cabines e deslizei até o chão de novo.

Meu peso parecia demais para as minhas pernas. Um frio entorpecente correu pelos meus membros e peito. Sem dúvida, eu estava tendo um ataque de pânico, porque uma sensação fria e grudenta tomou conta de mim, como se água gelada estivesse enchendo meus pulmões, e eu tive certeza de que, se não tivesse me sentado, teria desmaiado.

Com os olhos fechados, respirei pelo nariz, contando até quatro e soltando. Acima do barulho incessante do sangue latejando nos meus ouvidos, ouvi a voz calma de Jayda ligando para a equipe de manutenção.

A náusea subiu do estômago para a minha garganta, mas engoli a vontade de vomitar. Senti o ácido me queimar por dentro, fechei bem os olhos e respirei com mais força pelo nariz.

Quando ousei erguer as pálpebras, olhei para a cabine vazia, me odiando por ter tido outro episódio na frente da minha colega de trabalho. Com os músculos enfraquecidos, eu me levantei de novo e, felizmente, o enjoo desceu da garganta para a barriga. Respirar pelo nariz ajudava.

Apertei o frasquinho com as cinzas da minha mãe que eu sempre usava no pescoço, pendurado no terço antigo que ela costumava guardar no bolso. Era uma superstição boba que a minha mãe tinha mencionado uma vez. Ela sempre usara um anel da minha avó pendurado em um colar. Quando eu perguntei por que ela o usava o tempo todo, ela me disse que os mortos nunca faziam mal a quem usava algo que pertencia a eles. Eu nem acreditava em Deus, mas a minha mãe acreditava, e parte de mim se sentiu compelida a ficar com o terço por esse motivo.

Meus músculos se contraíram quando a porta se abriu de novo.

Jayda entrou, mas manteve distância.

– Eu chamei a equipe de manutenção. Estão vindo. Você está bem?

Sua voz tranquilizadora me lembrou a da minha mãe. Com 23 anos, Jayda tinha só uns anos a mais do que eu, mas a vida parecia ter envelhecido nós duas.

– Acho que sim. Só... um pouco abalada.

– Não, querida. Eu quero saber se você está *bem*.

Eu sabia o que ela queria dizer. Ultimamente tudo parecia me deixar nervosa. O que será que tinha deflagrado o episódio daquela vez? Talvez o cheiro. Talvez eu tivesse visto o rato e processado como algo diferente. Não era a primeira vez que acontecia. Jayda tinha testemunhado alguns incidentes em que eu vira coisas que não existiam.

– Eu vou ficar bem.

As quatro palavras que tinham virado meu mantra nos últimos quatro anos.

Eu vou ficar bem.

Na maior parte do tempo eu de fato fiquei, exceto nas vezes em que algo trazia as lembranças à tona.

Ou em que eu tinha alucinações com a minha mãe.

Mas eu estava bem?

Ainda não sabia afirmar.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Este e outros títulos do nosso catálogo estão
disponíveis em audiobook.